

Lição 12

Como, nas coisas que se geram reciprocamente, toma-se como meio na demonstração uma causa que não é simultânea ao efeito. Como se demonstra por meio da causa diferentemente nas coisas que ocorrem sempre e nas que ocorrem na maioria dos casos.

“b38. Ora, observamos na Natureza — a2. De fato — a8. Alguns eventos são universais — a12. Pois se A é predicado — a20. Já explicamos

Após mostrar como se deve tomar o meio, que é a causa, nas coisas que se geram em linha direta, o Filósofo mostra agora como se deve tomá-lo no caso das coisas que se geram em geração recíproca. Primeiro, ele prova sua proposta. Segundo, ele a elucida com exemplos (96a2).

Em relação ao primeiro, deve-se notar que, porque o movimento circular dos céus é a causa da geração nas coisas sublunares, afirma-se em *Sobre a Geração II* que se encontra na geração uma espécie de reciprocidade circular, no sentido de que a terra é gerada da água, e a água, por sua vez, da terra.

Diz, portanto (95b38), que, uma vez que observamos um certo padrão de geração nas coisas que são geradas *circularmente*, é possível também nesses casos seguir o que foi estabelecido acima, ou seja, silogizar a partir do subsequente, desde que os termos da demonstração sejam tomados de modo que o meio e os extremos se sigam uns aos outros: porque, no caso das coisas que são geradas dessa maneira, há uma espécie de conversão circular, no sentido de que se passa da primeira coisa à última, e então se retorna da última à primeira; embora essas coisas não sejam as mesmas numericamente, mas especificamente, como se explica em *Sobre a Geração II*. Portanto, não se segue que a mesma coisa numérica seja anterior e posterior, ou seja, causa e efeito.

E isso é adequado ao processo das demonstrações, pois, como foi estabelecido anteriormente, sempre que as conclusões são convertidas, isto é, sempre que algumas das premissas podem ser silogizadas a partir delas, isso é uma demonstração circular. E embora isso não seja adequado se a própria coisa que foi primeiro a conclusão for posteriormente o princípio da mesma coisa numérica (do contrário, a mesma coisa seria ao mesmo tempo mais conhecida e menos conhecida), todavia, se não são inteiramente as mesmas, como acontece nas coisas que são geradas circularmente, não há nada de inadequado.

Em seguida (96a2), ele usa exemplos para elucidar o que disse, afirmando que um processo circular é visto ocorrer nas obras da natureza. Pois, se a terra é saturada pela chuva, é necessário

que a ação do sol libere vapores dela; quando estes são liberados e levados para o alto, é necessário que se formem nuvens; e, depois de formadas, é necessário que se forme água da chuva; e, quando esta é formada, é necessário que, caindo sobre a terra, a sature. Ora, esta saturação da terra era exatamente a coisa que tomamos como sendo primeira; no entanto, não é a mesma saturação da qual primeiro começamos.

Assim, fica claro que um ciclo foi realizado no sentido de que, existindo uma delas, outra vem a ser; e, existindo essa outra, ainda outra vem a ser; e, existindo essa, retorna-se à primeira, que não é numericamente a mesma, mas especificamente a mesma. No entanto, esse ciclo de causas não pode ser encontrado segundo a ordem que se encontra nas causas *per se*; pois, nas causas *per se*, é necessário chegar a algo que é primeiro em cada gênero de causas, como se prova na *Metafísica* II. Mas o fato de a água ser gerada do fogo, e o fogo, por sua vez, da água, não é *per se*, mas *per accidens*. Pois o ente é gerado *per se* não do ente em ato, mas do ente em potência, como se afirma na *Física* I. Portanto, se procedermos de causa a causa nas causas *per se*, não haverá um ciclo. Pois aceitaremos como causa eficiente da terra saturada pela chuva o calor do ar, que é causado pelo sol, mas não vice-versa; mas a causa material tomamos como água, cuja matéria não é o vapor, mas a matéria comum dos elementos.

Em seguida (96a8), ele mostra como se demonstra por meio da causa, de modo diferente, nas coisas que ocorrem sempre e nas coisas que ocorrem como regra geral. A respeito disso, faz três coisas. Primeiro, propõe o que pretende. Segundo, prova o que propôs (96a12). Terceiro, resume (96a20).

Diz, portanto, primeiro (96a8) que há algumas coisas que vêm a ser universalmente, tanto quanto ao tempo, porque sempre, quanto ao sujeito, porque em todos os casos; ou porque se mantêm como coisas imutáveis que não estão sujeitas ao vir a ser, ou porque vêm a ser como coisas mutáveis que sempre seguem um padrão uniforme, como no caso dos movimentos celestes. Novamente, há outras coisas que não ocorrem no sentido de sempre, mas como regra geral. Um exemplo disso é que todo homem adulto desenvolve barba como regra geral, embora não ocorra sempre. Portanto, assim como no caso das coisas que ocorrem sempre é necessário tomar um termo médio que é sempre, assim, no caso das coisas que ocorrem como regra geral, é necessário tomar um termo médio que ocorre como regra geral.

Então (96a12), ele prova que, se alguém deve concluir algo que ocorre como regra geral, é necessário tomar um termo médio que ocorre como regra geral. Pois, se alguém assumisse o oposto, tomando um termo médio que ocorre universal e sempre; por exemplo, se A, que é o extremo maior, é predicado universalmente de B, que é o termo médio, e B de C, que é o extremo menor, então segue-se necessariamente que A é predicado universalmente de C tanto quanto ao tempo quanto ao sujeito, o que é o mesmo que ser predicado sempre e de cada coisa. Logo, estamos agora dizendo que algo ser predicado universalmente é o mesmo que ser predicado de tudo e sempre. Mas foi assumido que A é predicado de C como regra geral. Portanto, é necessário que o termo médio, que é B, seja tomado como existente como regra geral.

Assim, é óbvio que certos princípios imediatos das coisas que ocorrem como regra geral podem ser tomados, de modo que esses princípios existam ou venham a ser como regra geral. Contudo, tais demonstrações não permitem saber que o que é concluído é verdadeiro de modo absoluto, mas

apenas em um sentido qualificado, a saber, que é verdadeiro na maioria dos casos. E é dessa maneira que os princípios tomados possuem verdade. Logo, ciências desse tipo ficam aquém das ciências que lidam com coisas absolutamente necessárias, no que diz respeito à certeza da demonstração.

Então (96a20), ele resume o que foi dito, afirmando que agora estabelecemos como o *quod quid* (a essência), que é praticamente idêntico ao *propter quid* (o porquê), é designado entre os termos silogísticos, na medida em que mostramos como os vários gêneros de causas são termos médios da demonstração, de acordo com as respectivas diversidades das coisas. Também mostramos em que sentido há ou não há demonstração ou definição do *quod quid*.

Revision #2

Created 20 September 2026 17:50:46 by Admin

Updated 20 September 2026 23:12:50 by Admin